



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLEOVANI PEREIRA DE JESUS CANDIDO

REFLEXÃO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2008

Cleovani Pereira de Jesus Candido

Reflexão sobre a leitura e a escrita no ensino fundamental

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade Miracema – UFT como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia – Supervisão, sob orientação da professora Rosemary Negreiros de Araújo.

Miracema do Tocantins, TO

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C217r Candido, Cleovani Pereira de Jesus.
Reflexão sobre a leitura e a escrita no ensino fundamental. / Cleovani Pereira de Jesus Candido. – Miracema, TO, 2008.
32 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2008.
Orientador: Rosemary Negreiros de Araújo
1. Leitura e escrita na escola. 2. PCNs de Língua portuguesa. 3. Sala de aula. 4. Biblioteca. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLEOVANI PEREIRA DE JESUS CANDIDO

REFLEXÃO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade Miracema – UFT como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia – Supervisão, sob orientação da professora Rosemary Negreiros de Araújo.

Data de defesa:

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a Rosemary Negreiros de Araújo – Orientadora - UFT.

Prof. Francisca Maria da Silva Costa, Examinadora,

Prof. Dr. Paulo Cleber Mendonça Teixeira – Examinador – UFT.



A meus pais, **Cícero e Maria Eugênia**, que me deram a vida, que me ensinaram a vivê-la com dignidade, não bastaria um obrigada. A vocês que desde o meu primeiro suspiro me cobriram de proteção, amor e carinho, e ensinaram-me a andar por caminhos retos, primando sempre pela honestidade. A vocês, conselheiros por excelência, dedico toda minha conquista, porque também lhes pertence.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente tenho que agradecer a “DEUS” pela vida, fonte da sabedoria e do amor, por ter me conduzido passo a passo nessas caminhadas da vida em busca de vitórias. - *“Obrigado Senhor, pois só pelo seu amor me foi possível chegar até aqui”*.

Aos ex-mestres, pois cada pessoa que passa pela minha vida, não passa só, e nem me deixa sozinha, deixa um pouco de si e leva um pouco de mim. E por mais dificuldades que se encontre há sempre um jeitinho de se dizer: foi bom conhecer vocês.

A todos os demais professores pelos conhecimentos adquiridos durante todos esses anos de estudo.

A professora Rosemary, pela força de vontade e aceitação como minha orientadora nessa monografia.

Aos colegas de curso, pelos devaneios e de utopias de sonharmos juntos por uma educação de qualidade.

Ao meu esposo, Mauro pela paciência e apoio oferecido durante toda essa caminhada, quando, entrou na minha vida eu já tinha iniciado, e você sempre me incentivou e me deu forças para seguir em frente. Minha gratidão, pois só tem representado em minha vida sinônimo de amor e segurança... Obrigado pelo carinho e companheirismo que demonstrou durante toda essa trajetória de curso.

Aos meus familiares em nome de vocês, Neide, Cleonicy, Elaine, Marcivani pelo carinho, apoio e compreensão que me fizeram acreditar nesse sonho e sempre confiaram em me, amo todos vocês.

Kênia e Wanisley a vocês, que fizeram nascer dentro de mim um espírito materno. Amo muito vocês, porque nos dias mais difícil da minha vida vocês estavam presentes, para dizer o quanto vale a pena viver.

Aos meus colegas de trabalho, pelas palavras amigas e pelas orações realizadas. Uma vez que tenho como minha fonte inspiradora, como sendo minha segunda família. – *obrigado ao grupo fama por acreditar em mim, por atender, todas as vezes que foi preciso para realização deste trabalho.*

A você Paulyanna pelo companheirismo e amizade que durante toda essa trajetória tem demonstrado por me, sei que essa conclusão de curso vai nós afastarmos um pouco, mas nossa amizade permanecerá para sempre.

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir na importância que a leitura e a escrita possuem para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Inicialmente realizamos um estudo no qual buscamos apresentar histórico da leitura e escrita contendo aspectos importantes sobre a leitura desde quando essa era restrita a poucos privilegiados, estes leitores eram oriundos da esfera clerical, passando lentamente a se tornar domínio de maior número de pessoas com o aumento da escolarização. Ao longo da história vem se tornando uma atividade mais freqüente, pois o acesso a educação e aos recursos que dão suporte a esse ensino como: livros, materiais didáticos e outros se ampliou. Na atualidade já se percebe um número bem mais elevado de leitores. Partimos então, para as etapas pelas quais um leitor passa ao aprender a ler. No segundo capítulo trabalhamos a leitura no contexto educacional visando fundamentar o papel da escola e do professor (a) no desenvolvimento da aquisição da leitura e escrita. Abordamos a importância da família na vida estudantil de seus filhos, para que a leitura seja um ato de prazer incentivado também pela família. Mencionamos alguns aspectos colocados pelos PCNs de língua portuguesa. A fundamentação deste trabalho buscamos nas obras de Barbosa (1994), Mariza Lajolo (1993), Martins (2001) e Jolibert (1994). Foram consultados ainda, Parametros Curriculares Nacionais e diversos periódicos que abordavam assuntos na área de leitura e escrita.

Palavras-Chave: Leitura e escrita. Leitura e escrita na escola. PCNs de Língua portuguesa. Sala de aula. Biblioteca.

ABSTRACT

The present work aims to contribute to the importance of reading and writing have for students of the lower grades of elementary school. Initially we conducted a study in which we seek to present a history of reading and writing containing important aspects about reading from when this was restricted to a privileged few, these readers were from clerical sphere, passing slowly become the domain of a larger number of people with increased schooling. Throughout history is becoming a more frequent activity, as access to education and resources that support this teaching as books, teaching materials and other expanded. At present already see a number much higher readership. We proceeded to the steps by which a player passes to learn to read. In the second chapter reading work in order to support the educational context the role of the school and the teacher (a) the development of the acquisition of reading and writing. Address the importance of family in the student life of their children, so that reading is an act of pleasure also encouraged by the family. Mentioned some aspects posed by PCNs in Portuguese. The basis of this work we seek in the works of Barbosa (1994), Mariza Lajolo (1993), Martins (2001) and Jolibert (1994). Were also consulted, National Curricular Parameters and various periodicals that addressed issues in the area of reading and writing.

Key-words: Reading and writing. Reading and writing at school. PCNs of the Portuguese language. The classroom, library.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
	CAPÍTULO I.....	12
2	BREVE CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE LEITURA E A ESCRITA	12
2.1	Formação do leitor e o desenvolvimento da linguagem. Escrita	15
	CAPITULO II	18
3	LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO EDUCACIONAL - ESCOLA, FAMÍLIA E A PROPOSTA DOS PCNs	18
3.1	O lugar que a escola ocupa no desenvolvimento e aquisição da leitura e escrita, o papel da escola e do (a) professor (a)	18
3.2	A relação entre o desenvolvimento da escrita e da leitura e a importância de um ambiente acolhedor para a leitura	21
3.3	Postura defendida pelos parâmetros curriculares nacionais – pcn sobre a leitura e escrita no ensino fundamental	24
3.4	Escola e família: uma relação de ajuda no processo de leitura	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco de estudo a prática da para a leitura e escrita, no Ensino Fundamental na atualidade. O estudo tem como ponto de partida refletir sobre a temática leitura e escrita no contexto educacional, especialmente no ambiente escolar que segundo nossa concepção compreende-se como espaço escolar, a sala de aula, o papel do (a) professor (a), os recursos didáticos disponíveis para leitura na biblioteca e a proposta curricular dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN em Língua Portuguesa.

Ler é ampliar horizontes, e o papel principal do educador é ser o instrumento formador de um leitor crítico e participativo atuante na sociedade, e sendo que a escola é para muitos alunos, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. É um dado conhecido que a defasagem na prática de leitura é um fato concreto e que o problema está se agravando a cada dia. Por esse motivo, pesquisar o tema leitura e escrita no âmbito educacional é de grande relevância, pois é sabido que o aluno sem possuir habilidades básicas de leitura, é um aluno que irá encontrar grandes dificuldades em sua vida escolar e possivelmente na sociedade como um todo.

Cabe ao professor desenvolver projetos que envolvam seus alunos de acordo com a realidade em que vivem, porém, infelizmente a escola brasileira nem sempre age assim, não estimula seus alunos tanto quanto deveriam.

A leitura e escrita são sinônimos de descobertas, e se constituem em verdadeiros e desafios, essa questão é muito importante, porque toda leitura deve ser considerada como uma descoberta, pois, a cada leitura realizada pelo leitor ele estará descobrindo algo novo, adquirindo novos conhecimentos. Torna-se um desafio porque a cada nova leitura adquirida por ele poderá resultar em uma nova forma de entendimento, dependendo da concepção de leitura, o desafio se torna ao mesmo tempo um ato divertido onde o leitor procura buscar novas fontes de saber e de compreender, seja na visualização, sejam nas palavras difíceis que ele não consegue compreender.

Entende-se que o tema leitura e escrita no ensino fundamental, é importante para a escola, já que a leitura é responsável diretamente pelo sucesso do desenvolvimento de aprendizagem do aluno. É através da leitura que o indivíduo pode aprender as demais disciplinas e desencadear novas descobertas. Delas (leitura e escrita) dependem todos os outros fatores que implicam no processo da construção do conhecimento.

O importante é a interatividade na leitura. É através do ato de ler que a criança realiza um trabalho ativo de compreensão, interpretação e descobertas, extraindo, a partir de um

texto, informações, aumentando o poder imaginário e criando novas referências na construção da fantasia e da realidade, além do alargamento da comunicabilidade e da valorização da linguagem.

Outro aspecto importante é que ela aproxima o sujeito do mundo exposto no texto oportunizando a realização de idéias e conhecimentos expressos que permitem forma de reflexão e iniciativa de acordo com a ação e a compreensão a respeito do que é lido.

Na elaboração dessa monografia utilizamos a pesquisa bibliográfica. Os dados foram colhidos em literatura especializada e nos parâmetros curriculares nacionais – PCN da área de língua portuguesa, sendo que nos embasamos principalmente nos autores Maria Helena Martins (2003), Evilene Charmeux (2000), Elzira Arantes (1999), Frank Smith (1999) entre outros. A pesquisa bibliográfica valoriza o lado teórico - científico da investigação para assim dar um aprofundamento ao assunto.

O estudo está disposto da seguinte maneira: a introdução apresenta de forma sintetizada o teor de toda a pesquisa dividida em Introdução, Capítulo I, capítulo II e as Considerações Finais.

No primeiro capítulo, apresentamos as primeiras noções da leitura e escrita, mostrando alguns aspectos da leitura através da história, as transformações e evoluções. Partindo do início de uma leitura que era, restrita apenas a filósofos e aristocratas. Mas adiante o caráter religioso, depois esta passou a existir além dos muros das igrejas tornando assim aos poucos a leitura e a escrita a fazer parte da vida estudantil de todos os cidadãos e tornando-se exigência nas instituições educacionais. A importância do leitor e o desenvolvimento da linguagem escrita, e o grande potencial que existe em cada pessoa, levando em consideração os princípios básicos que cada criança possui. Aborda também a relação entre o desenvolvimento da escrita e da leitura e a importância da escolha de um material adequado para a fase em que a criança se encontra e a adequação do ambiente a leitura.

O segundo capítulo, traz de um modo geral leitura e escrita no contexto educacional – escola, família e a proposta dos PCNs, com o objetivo de compreendermos qual o lugar que a escola ocupa no desenvolvimento e aquisição da leitura e escrita. Em um segundo momento, vamos relatar sobre a postura defendida pelos PCNs sobre a leitura e escrita no ensino fundamental. Já no último momento, escola e família: uma relação de ajuda no processo de leitura, mostrando que a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, é a leitura. O papel da escola é oferecer aos alunos condições para uma boa aquisição da leitura. E grande importância da leitura e escrita quando bem trabalhada, uma vez que causa transformações positivas na personalidade de quem lê.

Por fim vem as considerações finais na qual realizamos uma síntese conclusiva a partir análise bibliográfica realizada e apontamos algumas recomendações sobre o tema proposto.

CAPITULO I

2 BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A LEITURA E A ESCRITA

Para o aprendizado da leitura e da escrita os mestres egípcios utilizavam-se de exercícios de memorização, como as leituras, cópias e ditados. Essas estratégias ainda são freqüentes em muitas salas de aulas contemporâneas. Mas para as crianças que vivenciavam essa realidade o caminho da alfabetização era um tanto árduo: “O melhor ouvido da criança são as costas,” rezava um provérbio da época, justificando a prática de bater com varas nas costas das crianças que por ventura dessem um pequeno sinal de distração durante as aulas”, (TV Escola, 1996 p. 6), infelizmente a prática de bater esteve presente em escolas nacionais até o século XX.

A leitura e a escrita na antiguidade estava restrita a poucos privilegiados. Na Grécia, restringia-se aos filósofos e aristocratas enquanto em Roma a escrita tornar-se uma forma de garantir os direitos dos patrícios das propriedades. Na Idade Média, uma minoria era alfabetizada, as igrejas, os mosteiros e as abadias converteram - se nos únicos centros da cultura letrada.

Nessa época, ler e escrever não era um privilégio para todos. A leitura tinha um caráter religioso, não tendo obrigação de ensinar a ler aqueles que não fossem seguir a vocação religiosa, assim, a igreja passou a monopolizar e censurar as obras que seriam transcritas. A escrita tornou-se um símbolo sagrado, com isso, a igreja veiculou a idéia de que os indivíduos arcaicos tinham que respeitar sem contestar os ensinamentos sagrados, devendo apenas escutá-los e memorizá-los.

Durante muito tempo, a leitura ficou atrelada à esfera clerical, porém, em meados do século XI, com o aumento das atividades comerciais a manufatureiras, que provocou o crescimento das zonas urbanas, a igreja começou a perder pouco a pouco o poder sobre o ensino. A escrita avançou então além dos muros da igreja, e chegava também ao alcance dos leigos.

Houve um longo período em que essas duas aprendizagens: leitura e escrita eram concebidas de modo distinto, separadas e sucessivas no tempo, e os métodos até então existentes, colocados pelos teóricos da educação, eram aplicáveis à “educação privada”, individual, aplicada pelo professor ou tutor, o precursor do pedagogo. Os autores de tais métodos de educação e ensino da leitura dessa época, não sonhavam com a educação do povo, porque consideravam o povo apenas como massa de manobra.

A leitura e a escrita era concebida como aprendizagem individuais e distintas, somente crianças cujos pais pudessem custear um preceptor, eram iniciadas na arte de traçar as letras no papel – e isso depois de longos anos de aprendizagem da leitura. (BARBOSA, 1994, p. 16).

O aprendizado da leitura equivalia ao poder aquisitivo, ou seja, os pais que tinham condições financeiras proporcionavam aos seus filhos essa aprendizagem. Nessa época os mestres escolares eram então especializados: e destinados a cada modelo de ensino, havia aqueles que ensinavam a ler, outros ensinavam escrever e outros, ainda, só a contar.

Em análise histórica da educação no Brasil que teve por base as idéias de Demo (1996), Gadotti (1992) e Moysés (1993), eles demonstram que somente no ano 1.549 DC, com a chegada dos Jesuítas, o Brasil começa a desenvolver seu sistema de ensino. Foram os Jesuítas que fundaram as bases do sistema educacional, alojando-se em aldeias indígenas, fundando conventos e colégios. E por dois séculos foram os principais educadores no Brasil. (Licilene Aparcida Martins de Melo 2006, p 16)¹

As primeiras escolas que surgiram no Brasil estavam ligadas ao ensino religioso, principalmente aos Jesuítas. Herdeiros de uma tradição européia que valorizava o latim, a filosofia e erudição, promoviam uma cultura livresca, pouco adaptada à realidade nacional.

Escrever era uma atividade complicada e dá exemplo: imagine uma criança tentando traçar caracteres cheios de arabescos com uma pena de ganso entre os dedos (a pena de ferro ou de aço só foi inventada em 1830). A escrita era então considerada uma arte, uma coreografia da pena, que implicava uma posição correta do corpo, o manejo de materiais delicados, uma dança das mãos. (BARBOSA, 1994 p. 17).

Só no século XVII e XVIII começou a mudar a velha idéia de infância quando a criança passou a ser considerada um sujeito de direitos. Essa mudança se deu em virtude da nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade, estimulando o afeto entre seus membros.

Antes desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial com a infância.

No período colonial era permitido a poucas pessoas o ato de ler, tanto no sentido da leitura da própria realidade, quanto no sentido de informar-se sobre os conhecimentos transmitidos por outros sobre esta mesma realidade. Nessa época cabia a leitura de romances

¹ Informação retirada de monografia de conclusão de curso de pedagogia da aluna, Licilene Aparecida Martins de Melo, 2006.

ingênuos somente às mulheres da elite, e os livros que liam tinham que ser aprovados pelos maridos que os traziam da França, Espanha ou Portugal.

Até meados do século XIX os livros de leitura praticamente não existiam nas escolas e eram em números pequenos de edições exemplares.

No final do século XX e no início deste, o aumento da escolarização ocorreu de forma gradativa; da década de 1920 à década de 1950 inúmeros livros de leitura foram produzidos e algumas editoras especializaram-se em publicar livros didáticos.

Entres as décadas de 1950 a 1970 cada vez mais se desenvolviam métodos alternativos de ensino, mas poucos tinham acesso à leitura de livros clássicos e científicos.

Foi a partir da década de 1970 que surgiram no Brasil, inúmeras coleções de livros direcionados á leitura. Com uma produção cada vez mais variada os livros infantis passaram a fazer parte dos livros de leitura e a literatura infantil vem se escolarizando passo a passo. Em diversos outros países a leitura é vista como parte essencial na formação do aluno e recebe atenção especial, no Brasil, essa realidade ainda está por se concretizar.

Na virada do milênio, a qualidade e a quantidade de oferta de leitura ainda deixa muito a desejar. Em outras palavras, ainda encontramos camuflada a realidade da leitura do Brasil colônia, ou seja, o acesso à leitura de qualidade é exclusividade de poucos, há alunos que têm acesso somente ao livro didático no decorrer de sua vida escolar.

A concepção de leitura para as séries iniciais vem se modificando e evoluindo seja em relação ao material adotado para a leitura, seja em relação ao ambiente de leitura que deve ser o mais apropriado possível à faixa etária da criança.

Historicamente, também a concepção de infância vem passando por diversas modificações e evoluções. Na idade média, a criança era considerada um adulto em miniatura, com as mesmas necessidades e possibilidades de um indivíduo maduro, sua educação era muito rígida, disciplinada e punitiva.

A escola passou a ter uma participação muito importante na emancipação dessas crianças, separando-a do mundo dos adultos. Aí então, a igreja começou a percebê-la como um ser existente e de valor, mesmo que ainda passível de ser controlado e dirigido.

Aos poucos, a leitura e a escrita foram aparecendo como um direito e uma exigência que se faz a quem pretendessem ocupar um lugar de cidadão na nova sociedade letrada. Elas surgem acompanhadas de um notável desenvolvimento das artes, do governo, do comércio, da agricultura, da manufatura, dos transportes.

2.1 Formação do leitor e o desenvolvimento da linguagem escrita

A arte de ler e decifrar os símbolos lingüísticos desenvolvendo o sentido da escrita está ligada à capacidade de interpretação e ao convívio entre os indivíduos. Quando observamos expressões gestuais de uma pessoa, a sua forma de ver o mundo que o cerca, estamos refletindo sobre o grande potencial que cada pessoa possui de colocar em prática a sua leitura de mundo. É oportuno mencionar a visão da estudiosa do assunto, Mariza Lajolo (1993, p.7), sobre a leitura do mundo, leitura que vai além do mundo da sala de aula.

(...) como entre tais coisas e tais outros se incluem também livros e leitores, fecham-se no círculo, lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e da vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 1993, p.7).

Entende-se que a leitura não está somente ligada à escrita, mas também à formação do indivíduo e em seu convívio social. Existem três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Cada um desses níveis corresponde a um modo de aproximação do objeto lido. Pelo fato da leitura ser dinâmica os níveis são inter-relacionados, mesmo sendo um ou outro privilegiado, dependendo da necessidade, experiência e expectativa do leitor, como também das condições do contexto geral em que se insere.

Os três níveis de leitura supracitados acontecem de forma inter-relacionados e simultânea na prática do leitor, prevalecendo às vezes, um deles, ou seja, um nível pode acontecer isoladamente.

A leitura sensorial tem um tempo de duração e abrange um espaço mais limitado, em face do meio utilizado para realizá-la os sentidos seu alcance é mais circunscrito pelo aqui e agora, tende ao imediato. A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior ao leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; inclina-se, pois à volta ao passado. Já a leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica concretamente a possibilidade de desenvolver o discernimento acerca do texto lido. (MARTINS, 2005, p. 80).

Assim, a leitura sensorial começa muito cedo e nos acompanha por toda a vida, é ela que nos faz observar o livro através dos aspectos exteriores como: tamanho, cor, gravuras, modelo da letra, etc. Utilizada pelos nossos sentidos proporciona a descoberta do mundo à nossa volta, ocasionando o processo do que é aceitável ou não para nós.

A leitura emocional estimula as lembranças, a fantasia, provocando descobertas e lembranças. Nessa leitura os sentimentos causam-nos um envolvimento inconsciente e ao

mesmo tempo um grande prazer, levando o indivíduo a uma reflexão sobre suas ações e relações sociais, ocasionando uma orientação para o universo individual e social. Emerge empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação ou circunstância experimentadas por outrem, caracterizando um processo de participação afetiva numa realidade alheia fora de nós.

A leitura racional, que para muitos engloba o âmbito do status letrado, é certamente intelectual e tem caráter eminentemente reflexivo e dialético acrescentando a leitura sensorial e a emocional. O fato de estabelecer uma relação entre o leitor e o conhecimento, possibilita no ato de ler, atribuição de significado ao texto e questionamento tanto da própria individualidade como do universo das relações sociais. É chamada de “racional” devido ao raciocínio que se faz para a construção de conhecimento.

A principal finalidade da leitura é instruir, educar e divertir, e é desta forma que o leitor aprende a apreciar a leitura, ampliando a habilidade de expressão, atenção, exercício da memória e criatividade. E o uso destas habilidades favorecem o pensamento lógico, formando o espírito crítico no leitor. (MARTINS, 2003, p. 75).

O ato de ler possibilita ao leitor tais níveis. A leitura deve preencher um espaço significativo na vida do indivíduo. Dando-lhe ao mesmo tempo a oportunidade de encontrar possíveis respostas as suas dúvidas, portanto, conforme Martins (2003, p. 75), a finalidade da leitura é instruir, educar e divertir, pois somente considerando essas três dimensões é que o leitor será capaz de ir além no processo de ler, despertando para a criatividade e formando o espírito crítico.

A criança faz uso de várias estratégias para entender o mundo. Para isso, ela parte das diferentes linguagens (os gestos, a fala, o desenho a escrita e do jogo), que constituem diferentes maneiras de representação.

Dentre os elementos de representação acima mencionados, o desenho configura-se como a primeira representação gráfica usada pelas crianças. Por meio do desenho ela expressa o conhecimento sobre os objetos, ou seja, o seu pensamento individual sobre aquilo que é só dela. Já a escrita representa a língua oral que, por sua vez, representa o pensamento sendo um sistema articulado de símbolos e signos.

Para aprender a escrever a criança precisa lidar com dois processos de aprendizagem: o da natureza do sistema de escrita da língua, ou seja, o que a escrita representa e o das características da linguagem que se usa para escrever. A aprendizagem da língua escrita acontece no contato com textos diversos, pois, é nesse contato que as crianças constroem sua capacidade de ler e de desenvolver a escrita de maneira autônoma.

A língua escrita deve ser adquirida na perspectiva da significação, na qual as palavras adquirem sentido no processo de diálogo. Nesse processo de interação com o outro, em situações de uso real da escrita, a criança começa a perceber a função social da linguagem.

A criança quando chega à escola traz uma linguagem oral e um conhecimento sobre a escrita. Esse conhecimento de sua língua materna, para Ferreiro e Teberosky (1986, p. 24), “é um saber lingüístico que utiliza sem saber (inconscientemente) nos seus atos de comunicação cotidianos” .

Sendo assim, as professoras alfabetizadoras não podem deixar de levar em consideração a posição de Luft (1985, p.73) quando afirma que:

Quaisquer que sejam as deficiências, distancia da língua padrão, que o aluno apresentar chegando à escola, é com esse material disponível que o professor deve começar seu trabalho. E trabalhar em cima disso, não partir de uma linguagem ideal, contra a língua do aluno, para tentar inibi-la a este. (LUFT,1985, p.73).

Luft chama a atenção para o fato de que o professor poderá incluir em sua prática de sala de aula a vivência que seus alunos trazem para a escola e mesmo quando as crianças ainda não sabem ler existem situações significativas que levam a criança a aprender a ler e escrever, como por exemplo: quando a criança utiliza o professor como escriba ditando-lhe sua história, ela está aprendendo a produzir textos mesmo antes de saber grafá-los de maneira convencional. Ela, também pode grafar um texto mesmo sem tê-lo produzido, como quando escreve um texto ditado por outro ou um que sabe de cor.

Para Ferreiro (1986, p.28) “o processo de alfabetização tem que ser visto do ponto de vista de quem aprende (criança) e não daquele que ensina (professor)”. Nesse processo, o professor deve ter claro que a criança aprende a ler e a escrever, não só nomeando as letras e decodificando-as, mas sim, pensando sobre elas e dando-lhes significado.

CAPITULO III

3 LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO EDUCACIONAL – ESCOLA, FAMILIA E A PROPOSTA DOS PCNs

O capítulo faz uma abordagem sobre como a leitura e a escrita são trabalhadas no Ensino Fundamental, destacando a importância da escola para a formação de alunos leitores. Aponta ainda o convívio escola e família, uma relação indispensável na vida das crianças, proporcionando a liberdade de familiarizar o papel da escola entre professores, pais e alunos.

3.1 O lugar que a escola ocupa no desenvolvimento e aquisição da leitura e escrita, o papel da escola e do (a) professor (a)

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura, Sendo assim, a escola deve oferecer aos alunos condições para uma boa aquisição da leitura, mas o que se pode identificar é que a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo é decorrente de problemas de leitura.

O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não por que não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. A escola precisa ensinar o aluno a ler e entender não só as palavras, as histórias das antologias, mas também, os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo, etc. a leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário.

Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. “Maria Helena Martins (2005, p.17), comenta em seu livro “O que é Leitura”, que, o leitor pré-existe à descoberta das palavras escritas”, nesse caso, a estudiosa entende a leitura de textos não somente do texto escrito, mas, outros textos que o cotidiano pode apresentar.

Há uma percepção difundida sobre a atual geração de que ela não gosta de ler. Essa comprovação parte dos professores, pais e especialistas que discutem as causas de tal comportamento, na expectativa de renovação do conceito e das práticas de leituras trabalhadas na sala de aula. O que se percebe é que os alunos não exercitam com frequência o hábito da leitura, ou então, procuram dispersar-se, não encontrando nela estímulo e prazer.

Por que essa falta de estímulo pela leitura por parte dos alunos? Por que isso acontece? Se a leitura é importante na produção do conhecimento porque existem alunos que não gostam de ler?

Existem muitas respostas para essas perguntas, e uma delas pode ser, porque o jovem se informa através dos recursos áudio visuais e tecnológicos, ou pelo fato de não ter sido incentivado desde os primeiros anos na escola ou, às vezes, seja falta de exemplo. Mas é necessário perceber que cada indivíduo possui uma realidade e na maioria das vezes, salvo em algumas raras exceções, ele é produto do seu meio.

Faz-se necessário salientar que na sala de aula o hábito de leitura torna-se atividade de grande relevância para a aprendizagem, pois ler, ao contrário de apenas decodificar, significa ampliar possibilidades de interpretação da realidade e, quanto maior for o conhecimento adquirido, maior e mais abrangente será a sua leitura. Esta atividade crítica de desnivelamento do significado é muito bem descrita por Safady, em seu livro “O ato de ler”:

O leitor curioso e interessado é aquele que está em constante conflito com o texto, conflito representado por uma ânsia incontida de compreender, de concordar, de discordar conflito, enfim, onde quem lê não somente capta o objeto de leitura como transmite ao texto lido as cargas de sua experiência humana e intelectual. (SILVA, 2002, p. 45).

No caso da citação acima, entende-se que ler é ampliar horizontes, em que pode-se “mergulhar” num mundo fantástico e percorrer distâncias sem sair do lugar, é usar a imaginação em busca de conhecimentos novos, conhecer palavras e o mais importante é ser o instrumento que irá formar o leitor em um cidadão crítico e participativo, que atuará nas mudanças que ocorrem na sociedade para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

A leitura reveste-se, pois, de grande importância e quando bem trabalhada, causa transformações positivas na personalidade de quem lê.

Podem-se ter várias atitudes perante a leitura. Ela é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico. Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Por isso, a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhes dá chance de ler, está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos.

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. Por isso, pode-se considerar a leitura como uma “ferramenta” muito valiosa para a vida de qualquer cidadão. Leitura é uma herança maior que qualquer diploma.

A escola, na atualidade é praticamente, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. Portanto ela não deve ser encarada como uma obrigação escolar. A leitura deve ser tratada na escola como uma atividade enriquecedora e prazerosa e não como uma tarefa. O texto, quando usado em sala de aula, deve ser visto de modo criativo, para não ficar parecendo um fardo a carregar.

Infelizmente a escola brasileira não estimula a leitura, como deveria, havendo caso em que o se limita a apostilas, ao livro didático, às anotações de aula. A leitura não é vista como deleite, como respostas às indagações e, muito menos, como fonte de educação permanente. Como se refere Silva (1986, p.11), “a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade”, por esse motivo deveria ser tratada segundo a concepção que defende a leitura como “instrumento” de educação e por isso por formação de valores que serão úteis para sua vida como indivíduo.

A alfabetização permite ao homem, associar sons e letras, decodificar palavras, formar frases e períodos. Mas uma leitura mecânica não basta. Se educar é preparar para a vida, despertar consciências, compreender e transformar a realidade, a leitura só pode ser entendida numa perspectiva crítica. Por isso, ler criticamente é admitir uma pluralidade de interpretação, é desvelar significados ocultos. O sujeito-leitor interage com o texto, estabelece trocas com ele. Segundo Silva (1986, p.14), “um texto sempre se refere a um determinado contexto, ele é, em verdade, uma “ponte” para determinados aspectos da realidade”. A partir daí, ele terá condições de posicionar-se em tudo que diz respeito à leitura: ilustrações, músicas, publicidade, etc., através da sensibilidade do olhar e da construção de significados pela interação.

As escolas em sua grande maioria absorvem textos mal elaborados colocados à disposição das crianças e adolescentes, seria salutar se esse material didático fosse visto sob uma perspectiva diferente a de que se abra um espaço para argumentação na escola que, conseqüentemente, se contribuiria para a formação da consciência reflexiva do leitor. Nesse sentido Silva (1986, p.14), comenta que, “compreender um texto significa compreender a relação dinâmica que ele mantém com um determinado contexto, bem como, perceber criticamente a objetividade desse contexto”. O que se compreende que a leitura vai além da

mera decodificação e percorre um outro caminho que é o da chamada “leitura nas entrelinhas, “que pode ir além do que está escrito”.

3.2 A relação entre o desenvolvimento da escrita e da leitura e a importância de um ambiente acolhedor para a leitura.

Existem duas grandes habilidades que o aluno deve desenvolver na escola, são elas: a leitura e a escrita, e existem algumas diferenças entre elas. Tem que se admitir que existe dificuldades ao dominar a regra hierárquica. Por exemplo, para a pronúncia do G antes do E do I, a criança não tem mais dificuldade em ler “geladeira”. No entanto ao escrever a palavra “geladeira”, ela poderá não saber se deve usar G ou J. Nesse sentido a forma hierárquica pode ajudar na assimilação da leitura e não escrita, (Terezinha Nunes, 2003, p.75).

Entende-se que os processos utilizados pelas crianças quando lêem e escrevem não são exatamente os mesmos. A relação entre leitura e escrita não é uma simples questão de passar de som para letra, na escrita e inverter esse processo, passando de letra para som na leitura.

Entre os estudos já realizados sobre as discrepâncias entre a leitura e a escrita, Brepont (1980, p.22), argumenta ser perfeitamente compreensível que algumas crianças consigam ler palavras que não conseguem escrever.

Nessa superioridade da leitura sobre a escrita poderia ser fácil explicar esse fato de que, ao ler, as crianças precisam apenas reconhecer a palavra, enquanto ao escrever, elas precisam produzir todas as letras na ordem correta. Um outro caso é quando as crianças sabem escrever, mas depois não conseguem ler – esse tipo de resultado demonstraria uma diferença nos processos envolvidos na execução da leitura e da escrita.

Regina Maria (1996, p. 15) relata que aprender uma língua é muito mais que aprender letras, as palavras e até mesmo as frases. Portanto considera que, aprender uma língua significa ser capaz de produzir e interpretar textos.

O papel do professor nessa aprendizagem torna-se indispensável quando se coloca a leitura e a escrita tal como elas acontecem em nossas próprias vidas, também em nosso dia a dia. Afirma ainda a autora que só acontecerá uma leitura significativa se for centralizada o ensino da língua e interpretação de textos, utilizando diferentes tipos de textos e criando diferentes atos de leitura e escrita.

Para Euzira Arantes (1999, p. 40), “O trabalho com a leitura na escola tem que ser tarefa socializada. Mas que gostar de ler, é preciso ter extrema paciência com os textos e com as decidas, que não se esgotam jamais”.

É de extrema importância, que a escola esteja preparada para desenvolver o ensino da leitura e da escrita, portanto a escola tem que possuir uma biblioteca, com bons livros, revistas, gibis, jornais, folhetos e outros materiais. E também textos interessantes que seduzam os alunos para seus encantos. Arantes (1999, p. 40-41).

O interesse pela leitura e escrita na criança aparece a partir da experiência de letramento vivida na interação com o grupo e das informações recebidas diariamente da família, dos colegas, dos professores, etc, portanto, cabe ao professor trabalhar com a idéia de representação que permite com que a criança se utilize de símbolos para representar as leituras de mundo e ainda trabalhar com a função social da escrita. Pois, por viver numa sociedade letrada, a criança necessita compreender por que a escrita existe para poder ser utilizada.

A prática pedagógica do professor deve ser sustentada pela possibilidade de (re)construir o conhecimento, de inová-lo, tendo como princípio a busca de novos conhecimentos, é também competência do professor trazer para a sala de aula o conhecimento.

A leitura é um importante instrumento para a libertação do povo no processo de reconstrução da sociedade. Silva (1986, p.09), exemplifica que a leitura é como um brinquedo de pião, para as crianças, ao salientar que, as crianças gostam de rodar pião desde que exista o pião, o espaço para brincar, o grupo de amigos e momentos da vida para a prática do lúdico. Fica claro nessa citação, a leitura vem ao encontro de necessidades, sejam elas movidas pelo desejo ou pela curiosidade de ler.

Na verdade contribuir para o processo de formação dos alunos envolve lidar com emoções, motivações, valores, atitudes, responsabilidades e compromissos. Tanto a escola, como os pais exercem um papel fundamental no estímulo a leitura, considera-se que muitas vezes é através dessa conscientização que acontece o primeiro contato com o livro. É indispensável tornar este momento o mais agradável possível para despertar a curiosidade de conhecer o livro com o qual representa ser o mundo mágico.

Arantes (1999, p.40), nos ensina que, “ninguém desce duas vezes o mesmo rio, pois suas águas mudam constantemente”. a autora mostra que todo texto muda a cada leitura. Cada vez que se aprofundar em uma leitura seja o mesmo texto o leitor coloca nele sua vivência, sua sensibilidade, sua visão particular do mundo e sua atitude naquele momento.

Para a autora trabalhar com a leitura na escola é querer descer o rio centenas de vezes, mais que gostar de ler, é preciso ter extrema paciência com os textos e com as descidas, que não se esgotam jamais.

Uma das grandes conquistas que a escola tem que possuir é uma boa biblioteca, ou uma sala especial para a leitura, tudo isso contribui no desenvolvimento das atividades pedagógicas e na formação de leitores. O aprendiz deve encontrar nesse espaço todo um aconchego um desejo pela leitura, tem que existir energias positivas pré-destinadas à prática da leitura.

Segundo Arantes (1999, p. 41) “Os alunos precisam reconhecer na biblioteca (ou na sala de leitura) um local para o pleno exercício da leitura, para o acesso à informação”, se a escola conseguir desenvolver uma cultura do acesso e do gosto dos alunos pela leitura, já é um grande passo para a formação de alunos leitores.

É fundamental que a escola proporcione aos seus alunos um ambiente organizado para a prática de leitura, levando-se em conta as necessidades locais, observando as distintas áreas de conhecimentos, para que se leve em consideração a diversidade de textos, a exemplo de: livros, revistas, gibis, jornais, folhetos, literatura infantil, dentre outros: convém complementar o acervo com recursos da tecnologia de comunicação e informação; computador, aparelho de tevê, vídeo, som e outros.

Percebe-se que os livros didáticos e literaturas infantis encontram-se nas bibliotecas, aos qual a criança nem sempre tem acesso. O livro é um instrumento mais eficiente e responsável para a transmissão do conhecimento, sendo importante para aquisição básica do saber.

É um direito dos alunos terem acesso a todas as informações disponíveis, tanto nos meios impressos quanto nos digitais e cabe a escola junto com a comunidade fazer com que este acesso seja facilitado aos seus alunos.

Afirma Perrotti, (Revista da criança 2005, p.25), “o espaço de leitura tem de ser extremamente acolhedor, preparado na medida da criança; ela não pode encontrar nem sentir medo de chegar ali”. Ressalte-se aqui que o “mundo infantil” é diferente do “mundo adulto”, portanto, a biblioteca direcionada a criança deve ser adequada à sua idade à seu mundo e à sua forma de ler.

As regras de uma biblioteca para adultos, silêncio e imobilidade, não valem para crianças, principalmente as mais novas. O espaço tem que ser convidativo e confortável, permitir que eles circulem e falem. Geralmente nesses lugares tem que ser de muita integração. Tem que existir uma parceria onde o adulto apóia e compartilha, ajudando a encontrar o caminho da leitura.

Ainda segundo Perrotti (Revista da criança 2005, p.25), seja uma biblioteca, uma sala exclusiva, o cantinho da sala de aula, as regras são negociadas com os alunos, educando a

criança para a participação. Os respeitos pelo interesse dos pequenos garantem que a leitura esteja associada à escolha e ao prazer.

O contrário disso é o espaço que associa à leitura à obrigação, exigindo que a criança fique amarrada na cadeira quieta sem se relacionar com os objetivos culturais, e sabe-se que tal relação dos alunos com os recursos didáticos disponíveis às crianças leitoras deve garantir um ambiente agradável, acolhedor e de interação entre crianças com o respectivo “mundo da leitura”.

3.3 Posturas defendida pelos parâmetros curriculares nacionais – PCN sobre a leitura e escrita no ensino fundamental

Em 1997, foram divulgados e consolidados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para serem utilizados pelos professores como referências para sua metodologia educacional. Este documento curricular (PCN) direcionados ao ensino fundamental possuem como meta fazer com que os alunos recebam uma formação direcionada para a cidadania, ou seja, entenda o seu dever social, como também aprenda a lidar com o seu papel político e civil, sendo solidário e tendo atitudes anti-injustiça.

O texto referente ao ensino da língua portuguesa, volta-se para a função social de leitura, como requisito básico para que o indivíduo ingresse no mundo letrado e possa construir seu processo de cidadania.

Segundo o referido texto curricular (2001. P.15). A educação de um modo geral vem sendo discutida nas pautas mundiais. Em diferentes lugares do mundo discute-se cada vez mais o papel essencial que ela desempenha no desenvolvimento das pessoas e das sociedades.

Essa educação em que tanto se fala não é destinada somente para alguns e nem deve desenvolver nela o preconceito ou até mesmo a desigualdade, pois a educação é direito de todos e é dever de cada é fazer com que ela exista tanto na escola como na sociedade em que vivemos.

Comenta ainda os PCN's, “que em termos legais convém ressaltar que a Lei Federal nº9.394”, de 20/12/96, estabelece que a “educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Percebe-se então que a família e a escola têm que ser aliadas para que aconteça o sucesso na educação, e se comprometam, para que esta instrumentalize e prepare crianças e jovens para possibilidades de participação política e social.

Destaca-se que dentre as contribuições relevantes sobre leitura nos PCNs para o Ensino Fundamental, talvez, a principal delas é a de que é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura, considerando que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural. Devido a essa concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes apenas de decodificar textos, mas com enormes dificuldades para compreenderem o que tentam ler.

O processo de ler implica vencer as etapas de decodificação. Isso significa que é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam como antecipação, inferências, a partir do procedimento do contexto ou do conhecimento prévio que possuem que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado de “aprender a ler, lendo”.

Os PCNs alertam que é no terceiro e quarto ciclos que a educação deve ser tratada, com muita atenção, o professor deve voltar-se para o aluno com cuidado tendo em vista que nesta fase que os discentes apresentam maior desistência pela leitura por não conseguirem acompanhar os textos estabelecidos pela escola.

Percebe-se neste momento que o professor deve trabalhar em flexibilidade, buscando compreender as questões sociais em que os educando estão inseridos, uma vez que os temas podem ser priorizados contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais.

Advoga-se, portanto por uma concepção de uma educação que priorize o ensino da leitura e escrita, visando para onde vai, onde se pretende chegar.

Desse modo, importa citar alguns objetivos presentes nos PCNs (1998, p.38) os quais sugerem “dicas”, para que aconteçam algumas mudanças necessárias na educação brasileira como:

- Desenvolver políticas de valorização dos professores, visando à melhoria das condições de trabalho e de salário.
- Investir na qualificação e capacitação dos professores para que possam oferecer um ensino de qualidade.
- Que na formação continuada dos educandos eles possam ter em suas jornadas tempo para estudo, leitura e discussão entre professores.
- Tem que existir na vida dos alunos acesso as informações de forma que os projetos educativos possam ser elaborados e reelaborados pela equipe escolar.

- É preciso também melhorar as condições físicas das escolas, dotando-as de recursos didáticos suficiente de qualidade e ampliando as possibilidades de uso tecnologias da comunicação e da informação.

A educação defendida pelos PCN's, visa concluir estudos mais avançados mais bem elaborados, com uma política de desenvolvimento voltada para um melhor aperfeiçoamento sendo assim, dando aos alunos melhores condições físicas didáticas, informações cada vez maiores dentro da atualidade tendo por base ampliar a educação o ensino de forma sutil, ágil e agradável, com a participação e atenção de todos inclusive das famílias por meio da informação dada aos alunos.

Nesse final de milênio, a sociedade brasileira vive um momento de rápidas mudanças econômicas e tecnológicas, ao mesmo tempo em que os avanços na cultura e na educação ainda não atingiram um estágio em que a leitura e a escrita seja considerada satisfatória.

Situações conflituosas foram emergindo como válvula de escape das injustiças acumuladas nos planos econômicos e sociais, violência no campo e na cidade, preconceitos de vários tipos, consumo de drogas, tudo isso proporcionou o desinteresse na escola.

Os planos econômicos muitas vezes interferem na inclusão estudantil, o que seria para ajudar o aluno a desenvolver melhor a leitura e a escrita muitas vezes acaba atrapalhando, isso requer maiores investimentos na educação mais interesse e principalmente a força de todos. Tendo por base uma melhor estrutura estudantil e na escolha de melhores representantes uma melhor prática e bom desenvolvimento.

A leitura é fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo, além de contribuir no processo de formação de seres pensantes, preparados para a vida, seres reflexivos e espírito crítico.

É nesse processo contínuo da leitura e da escrita, que ensino fundamental, bem como o ensino da língua portuguesa existe para mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o “português”, quais os usos que tem e, como os alunos devem fazer para estenderem ao máximo ou abrangerem metas específicas, fazendo uso dessas modalidades de escrita e oralidade, em diferentes situações de vida.

Sabe-se que é nas primeiras séries do ensino fundamental que se realiza os primeiros contatos com a leitura e escrita na escola, o professor deve favorecer ao aluno condições necessárias para que eles sintam o gosto pela leitura e que os mesmos possam encontrar nesse ensino um momento dinâmico e prazeroso.

Os PCNs (2001, p.23) ressaltam que cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental cada aluno se torne capaz

de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

A linguagem oral e escrita é muito importante na vida de cada indivíduo, pois é com ela que participamos da vida social efetiva para comunicarmos uns com os outros e termos acesso a informação, expressarmos e defendermos pontos de vista, partilhar ou construir visões de mundo e produzir o conhecimento.

Segundo Ezequiel Theodoro, a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade (1986 p.111).

Dessa forma, fica claro que, ler e escrever é a parte mais importante do aprendizado do ser humano. Que a sociedade necessita de muita força de vontade no hábito de ler. Sendo assim isso inclui a libertação humana, um interesse maior pela participação no contexto sócio, político, econômico e educacional.

Por outro lado, a dificuldade dos alunos em compreender os textos propostos para leitura e organizar idéias por escrito de forma legível, levam a evidências de fracasso escolar apontando à necessidade da reestruturação do ensino de língua portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.

As condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também contribuições de outras áreas do conhecimento. Cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar.

A relação escolar que se estabelece entre leitura e escrita entre o papel de leitor e escritor, no entanto, não é mecânica. Alguém que lê muito não é automaticamente uma pessoa que escreve bem.

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a capacidade do aluno produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura.

Segundo consta nos PCN's (1997, p.36) não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita nesse momento tanto a escola quanto o educador tem que estar preparado para desenvolver uma aprendizagem construtiva para o conhecimento na vida dessas crianças, com toda a certeza que as pessoas aprendam a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Para Maria Helena Martins (2005, p.83). “Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade de um desejo. Da expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”. Tal concepção remete à iniciativa do(a) professor(a) em fazer escolhas pelas leituras que despertem o interesse dos alunos, portanto, uma leitura atraente criativa e que faça parte do cotidiano do aluno.

Desse modo, salienta-se que para o desenvolvimento na melhoria da leitura é necessário uma força de vontade, um conhecimento dado por pais e professores e toda escola em geral. Um desejo árduo em conhecer mais a leitura e a escrita. Sendo assim, todo estudo é pouco diante a toda sabedoria e conhecimento. Aquilo que se faz com vontade por querer sempre saber mais estimula bastante no hábito e no desenvolvimento de ler.

Para tornar os alunos bons leitores e para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-la internamente, pois aprender a ler (é também ler para aprender) requer esforço. Sobretudo, precisará fazê-los entender que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente, dará autonomia e independência.

3.4 Escola e família: uma relação de ajuda no processo de leitura

É em casa com a família que a criança começa a ser educada para os conceitos que a vida encarregará de conduzi-los. Os pais têm grande responsabilidade pela educação de seus filhos. Esta educação deve ter como base o amor e o respeito pelas crianças como seres humanos, únicos e dignos.

Nesse caso, as famílias devem preparar os filhos para a vida, educá-los para o sim e para o não; encorajá-los a enfrentar os problemas e a caminharem sozinhos. A escola por sua vez, deve está preparada, para receber o(a) aluno(a) e continuar o trabalho de valores iniciado em casa; estimular a cidadania e trabalhar o conhecimento formal, ler, escrever, produzir, resolver problemas, operacionalizar, criar e despertar talentos.

Vale ressaltar que o sucesso da escola e de nossas crianças não é responsabilidade apenas da comunidade (escolar e família), mas também da sociedade como um todo, nesse caso a família poderá sensibilizar seus filhos para a importância de ler e buscar novos conhecimentos através da leitura e que elas não façam apenas uma decodificação mecânica dos signos lingüísticos.

É importante dizer, o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando os a

dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois de virada”. (JOLIBERT, 1994, p.129).

Fica claro que a família exerce papel de orientadores na educação de seus filhos. É indispensável ler para as crianças, porém é ainda mais importante ler com elas, pois isto atiaça a sua curiosidade, possibilitando a construção de um universo imaginário.

Muitas vezes o papel da família está pendente, eles agem de forma que perante aos filhos não são agradáveis. Falta atenção, colaboração dando aos filhos um pouco menos de interesse e atenção. Deixando os filhos entregues à responsabilidade da escola e do professor. É certo que a escola está em lugar da segunda casa do aluno mais a presença dos pais é essencial para o desenvolvimento da criança, para que ele se sinta apoiado não se sinta só e tenha o prazer em aprender.

A escola deve compreender que a família mudou e é com essa família que deve trabalhar. A escola precisa ser o espaço de formação e preparação das novas gerações. Os professores precisam aproximar-se de seus alunos tendo o apoio constante da família.

É certo que, bem antes de chegar à escola, o sucesso escolar é largamente construído pela maneira de viver em casa e como elas são educadas. Vale lembrar que o papel dos pais na educação de seus filhos não se encerra quando eles colocam seus filhos na escola. Eles, porém têm que acompanhar e ajudar a escola a exercer esse papel que é o mais importante no desenvolvimento de aprendizagem na hora de educar seus filhos.

Somos partes complementares do sistema educativo, e essa parte não pode ser divergente, conflitante ou ficar isolada. Os pais não têm que se considerarem repetidores em trabalhar junto à escola. A relação que os une à escola não é uma relação nem de concorrência, nem de dependência. É uma relação de complementaridade, na qual cada um tem a sua especificidade. (CHARMEUX, 2000, p. 114)

A família deve sempre apoiar o desenvolvimento do filho e juntamente com a escola ela tem que propor junto a esse uma melhor aprendizagem, a educação de casa consiste no aperfeiçoamento e incentivo de aprender a ler e escrever, uma vez a família desempenhando esse papel junto aos filhos, estes estarão aptos a se relacionarem com os colegas de turma e na capacidade de observação e participação das leituras bem como em manter uma boa relação com os coleguinhas.

A construção dessa relação implica em uma capacidade de comunicação que exige a compreensão da família e da escola para ouvir e passar aos seus filhos o que o outro quer transmitir, e para tanto, se faz necessário, a competência e o desejo de executar bem o que está sendo expresso, é também de grande relevância a flexibilidade para apreender, passar

idéias e valores que podem ser diferentes dos nossos, mas que serão a base do aprendizado na leitura e na escrita.

Fica claro que a primeira forma de ajuda à aprendizagem da leitura é um determinado tipo de presença do escrito em casa e na vida cotidiana, o que não se trata absolutamente de livros comprados pelos pais, mas, da participação destes à escola para se tornar uma “única família”.

Outro fator importante no desenvolvimento da leitura é apontado pelo texto dos PCNs (2001, p.36) quando afirma que:

Finalmente, é preciso voltar a enfatizar o papel que o trabalho em grupo desempenha em atividades de análise e reflexão sobre a língua: é um espaço de discussão de estratégias para a resolução das questões que se colocam como problemas, de busca de alternativas, de verificação de diferentes hipóteses, de comparação de diferentes pontos de vista, de colaboração entre os alunos para a resolução de tarefas de aprendizagem. (PCNs, 2001, p.36).

As atividades desenvolvidas em grupo, se bem trabalhadas trazem melhores resultados, no caso do trabalho com a leitura em séries iniciais, se houver a participação dos pais os filhos logicamente irão se sentir mais seguros seja na capacidade se relacionarem com a turma e com a escola, seja nas atividades propostas.

Os pais juntamente com a escola têm que transformar-se em uma família única para que a criança possa se sentir aconchegada, para que não se sinta só e que sempre esteja disposta a aprender e a desenvolver a leitura e a escrita. Assim a criança possibilita uma oportunidade maior em fazer amizades, com os colegas de classe colaborando e ensinando uns aos outros. Pois a presença dos pais é sempre importante, ele não precisa se sentir forçado a nada, somente precisa-se que ele mantenha-se informado e consciente de seus deveres não deixando o filho na escola e pensando que é só ir lá deixar a criança nas mãos dos professores e pensar que já está tudo resolvido, eis a questão “a educação tem que ser já de início desenvolvida também em casa”.

Sendo assim, a criança passar a atender o sentido, o carinho e atenção que a escola desenvolve, nas atividades que estejam relacionadas com a leitura e escrita, bem como na capacidade de escolha de livros infantis, revistas e outros textos direcionados para a leitura das séries iniciais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa reflexão sobre a leitura e a escrita no Ensino Fundamental percorremos alguns caminhos na literatura específica e percebemos que estas já foram concebidas de modo distinto, separadas e sucessivas no tempo. Cujos métodos tinham como principal sujeito o professor ou tutor, havendo inclusive um mestre para ensinar a ler, outro para escrever e outro só para ensinar a contar. Os autores de tais métodos da educação não idealizavam uma educação para o povo, pois tinham acesso ao aprendizado da leitura apenas aqueles que tinham boas condições financeiras.

Foi evidenciado nesse estudo que a leitura já foi restrita a poucos, no período colonial era uma atividade de uma elite oriunda da esfera clerical, mas gradativamente essa atividade foi ganhando espaço e se universalizando, e, de uma educação da esfera clerical foi se transformando em educação leiga. Embora não se tenha chegado a um estágio satisfatório de escolarização e leitura respectivamente, em termos de qualidade, pode-se admitir que houve uma grande melhoria principalmente quanto à seu acesso.

Aquisição da leitura e escrita o aluno percorre um caminho que inclui alguns níveis da leitura: sensorial, emocional e racional, estes estão inter-relacionados. A sensorial começa desde cedo e inclui aspectos externos e ao lúdico, como imagens, cores, gravuras, tamanho da letra. A emocional lida com sentimentos estimula as lembranças, a fantasia. E a racional uma reflexão prospectiva, transforma um conhecimento prévio em um novo conhecimento, envolve o intelectual da pessoa. Mas o que se percebe é que deve-se levar em conta o mundo que o aluno traz para a sala de aula.

Ficou claro que a leitura é fonte de informações que tem como finalidade auxiliar as pessoas na busca do conhecimento, como saberes, ciências e cultura, favorecendo um bom desenvolvimento pessoal e intelectual das pessoas proporcionando aos alunos melhores condições do ensino e informação.

Ficou evidente, que a leitura tem uma participação valiosa na transformação do indivíduo, as portas que abrem para as informações passam pela leitura.

No entanto, compreende-se que a falta de desempenho na leitura e na escrita faz com que a maioria dos alunos não consiga assimilar os conteúdos. Na realidade, sem saber ler com desenvoltura, o aluno não tem condições de ter uma aprendizagem adequada.

O ambiente para a leitura do aluno-leitor infantil é diferente do adulto e deve conter elementos próprios de seu mundo. Esse ambiente motivador é essencial para a formação do aluno leitor.

Os PCN's apontam que é preciso superar no aprendizado inicial da leitura, uma concepção de que ler é simplesmente decodificar, na realidade ler implica vencer as etapas de decodificação. Alertam, também sobre a leitura no 3º e 4º ciclo quando ocorre muita desistência pela leitura, isso acontece quando os discentes não conseguem acompanhar os textos estabelecidos pela escola.

Para o auxílio na formação de seus alunos, hoje as escolas estão aparelhadas com vários meios para intermediar a educação dos mesmos, pois nela contem vídeo, DVD, TV, Biblioteca, ou seja, a criança precisa que a instituição comprometa-se com sua aprendizagem, para que as crianças tenham o ato de ler.

É necessário que a escola junto com os professores desenvolva um projeto de leitura que caracterize a realidade do meio social em que vive o aluno. E que se possa desenvolver ainda mais aquilo que se é proposto a partir do momento em que a escola se disponibiliza de fazer a mudança na vida da criança.

A contribuição da família é de fundamental importância, mas percebe-se que ela sozinha não tem condições de caminhar, necessita da parceria com a escola, partindo do pressuposto de que a educação é considerada como um processo de crescimento individual e coletivo de descoberta. Este é um trabalho progressivo, que poderá ajudar a própria criança a construir a sua identidade, as equipes, a unirem-se e os pais e as mães a modificarem a representação que tem da escola, que muitas vezes é distorcida por sua própria e distanciada experiência.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Elzira – cadernos da TV escola português – Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação a distancia, 1999, 2v.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua Portuguesa**. Brasília-DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua Portuguesa**. Brasília-DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa** / Ministério da Educação. 3ª Ed. Brasília: A secretaria, 2001.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2, ed. São Paulo: Cortez, 1994 (Edição Magistério 2º grau – Série Formação do Professor).
- CADERNOS DA TV ESCOLA: Viagens de leitura, Brasília, DF: Ministério da Educação e Desporto, 1996.
- CHARMEUX, Evilene – **Aprender a Ler: vencendo o fracasso**, Evilene Charmeux, tradução de Maria José do Amaral Ferreira – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**; trad. Bruno C. Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MARTINS, Maria Helena – **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003 – coleção primeiros passos, 74.
- MELO, Licilene Aparecida Mantins. **Leitura e Escrita: Descobertas e Desafios**, 2006. (Monografia de Conclusão do Curso de Pedagogia – UFT, 2006).
- PERROTTI, Edmir. **Revista da criança**. Professor da biblioteconomia da Universidade se São Paulo e consultor do MEC. Set.2005.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas-SP: Papyrus, 1986.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**: 10. ed. – São Paulo: Cortez 2005.
- SMITH, Frank. **Leitura significativa**; trad. Beatriz Affonso Neves 3. ed. – Porto Alegre. Editora Artes Médicos Sul Ltda. 1999.
- NUNUS, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: Teoria e Prática**. – 5. Ed. –São Paulo –Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; v.44).